

A VIDA DE MARÍA EGIPCÍACA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO

Fabília A. T. de Carvalho - fabricarvalho@ig.com.br
Unigranrio – Pem / IFCS – UFRJ

No século XIII, de acordo com o historiador André Vauchez, a partir do movimento de Reforma iniciado com Gregório VII, ainda no século XI, ocorreu uma mudança na concepção de santidade presente nos textos hagiográficos.¹ Esta alteração estaria, de algum modo, vinculado com o processo de canonização papal e evangelização dos fiéis. Propunha-se um modelo de santidade que poderia ser imitado pelos ouvintes das hagiografias, assim aquele que ouvisse ou lesse sobre um processo de arrependimento e salvação procuraria imitá-lo, segui-lo. (VAUCHEZ, 1991, p. 168). A *Vida de Santa Maria Egipcíaca*², poema hagiográfico castelhano escrito no século XIII encontrava-se neste contexto. E foi com este texto que trabalhamos na pesquisa que realizamos durante o curso de mestrado.³

A hipótese que defendemos era que seria possível afirmar que a SME, sendo um discurso que carrega os enunciados das diretrizes papais, expressas no texto canônico do IV Concílio de Latrão, incorporou e propagou entre os castelhanos, ao lado dos textos lateranenses, o sacramento da confissão, que tinha por fim último controlar a vida do fiel, mais especificamente a mulher. Não nos importava analisar se os objetivos desta obra foram efetivamente alcançados, mas destacar que tais diretrizes foram materializadas em diversos discursos e enunciados, como na SME. E acrescentamos: como este sacramento aparecia no texto hagiográfico em estudo sempre vinculado ao pecado carnal por excelência, a luxúria, acreditamos que este texto apresentava, estratégias que deveriam ser utilizadas para regradar e tutelar as mulheres - agentes privilegiadas da luxúria, segundo a visão dos eclesiásticos medievais - através de toda uma regulação de sua vida, sobretudo no tocante às relações sexuais. A SME, por ser uma hagiografia e, como tal, pertencendo à instituição legitimada que era a Igreja, possui, portanto, as prerrogativas de um veículo portador dos enunciados de verdade desta última, e que são fundamentais para sua estratégia de manutenção do poder.

Na análise do discurso que empreendemos, buscamos observar como a presença do sacramento da confissão tem a intenção de formar os fiéis. Mas nesta obra os fiéis assumem perfis mais específicos: trata-se das mulheres. Assim, esse sacramento, nesta obra, serve como uma forma de tutelamento das mulheres. Nossa pesquisa possui, portanto, um objetivo duplo: verificar como o sacramento da confissão está presente na SME, relacionando com a formação do fiel; e examinar sua aplicação no controle de um subgrupo de fiéis, as mulheres.

Nosso quadro teórico-metodológico está calcado nas idéias de Michel Foucault. A seguir, apresentaremos os conceitos deste autor adotados na pesquisa. O discurso é, segundo Foucault, um

conjunto de saberes que desejam tornar-se poder, mas para isso é necessário que sejam expressos, é preciso ganhar forma, textual e/ou verbal. Essas expressões do discurso são as enunciações. No século XIII temos alguns discursos que, na maioria das vezes, foram construídos pelos intelectuais da Igreja como, por exemplo, as novas considerações a respeito dos sacramentos; as novas idéias sobre a casuística; os novos cânones oriundos dos concílios e sínodos; e temos também aqueles que nem sempre foram elaborados por aqueles intelectuais, mas que estão inseridos no mesmo contexto discursivo, são as hagiografias. Essas configuram-se mais que simplesmente em vida de santo. Elas são a memória do próprio cristianismo, na medida em que preservam, resgatam e difundem suas teses.

Cada hagiografia, para alcançar seu objetivo, foi transformada em enunciados e em enunciações. Estas enunciações aconteciam no momento da leitura do texto ou mesmo durante um sermão. A enunciação é o momento no qual o discurso é, recebido/ enviado/ materializado, não importando que forma ele tenha. Mas ela depende de um elemento fundamental para existir, que é o enunciado. O enunciado é, muitas vezes, o eixo do discurso, pois é a idéia central e pode ter muitas formas. Muitas vezes ele apresenta uma idéia complexa, em outras é apenas uma palavra, ou pode ser as duas coisas: uma palavra que expõe uma idéia complexa.

Após esta breve apresentação dos conceitos propostos por Michel Foucault que nortearam a nossa pesquisa, estaremos apresentando, de forma mais detalhada, os elementos que compõem a análise de discurso: o discurso, o enunciado, a enunciação, o saber, o poder, o autor e o anônimo e a formação discursiva. Para facilitar o entendimento, optamos por apresentá-los separadamente.

2.1. O discurso

Ainda no século VIII, o relato da Vida de Maria Egípcíaca passou a ser considerado como uma hagiografia. Escrita tanto em prosa quanto em verso, esta narrativa é considerada por nós como um discurso e como tal possui normas de formação e acontecimento.

O discurso é o registro histórico de uma sociedade, é algo dotado de materialidade sócio-histórica. Segundo Michel Foucault,

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2000, p.56.)

O discurso é, por excelência, o local no qual se manifestam os meios ou as tentativas de controle, sendo ele mesmo uma dessas formas. Durante a Idade Média a intenção de controlar e tutelar as mulheres foi construída, sobretudo, pelos intelectuais da Igreja, detentores do saber, pois é no discurso que saber e poder se articulam. No nosso caso, essa construção discursiva é atribuída a Igreja.

Para empreender a análise de um discurso deve-se antes considerá-lo como um elemento constituinte de uma série; deve-se considerar e conhecer também a regularidade dos fenômenos, isto é, dos eventos que estão em curso durante a elaboração deste discurso, e os limites de probabilidade de sua emergência. Desta forma, ele é uma prática que obedece a regras de formação, de existência, de coexistência e a sistema de funcionamentos. (FOUCAULT, 2000, p.56)

O discurso deve ser estudado no próprio sistema no qual foi institucionalizado, assim como deve-se verificar o conjunto de condições que proporcionaram sua emergência e sua ligação com outros discursos. Nessa ligação que um determinado discurso estabelece com outros é preciso também analisar de que forma eles se juntam em "conjuntos estatutários" e quais funções exercem, bem como esquadriñar os princípios que os guiam e de que maneira são introduzidos nas condutas e nas práticas cotidianas. (FOUCAULT, 1994, p.708) É por isso que é necessário enxergá-lo no momento em que ele acontece, durante o período em que pode ser conhecido, reconhecido e transformado, ou seja, é preciso tratá-lo em sua própria instância de aparecimento, no jogo onde vai atuar, mostrando porque ele não poderia ser diferente do que é, e por que motivo ele ocupa dentre e entre todos os outros discursos, o lugar que nenhum outro poderia ocupar, tornando-o único, individual. (FOUCAULT, 1994, p.705-707)

Outra instância fundamental do discurso é a noção de que ele é estratégico, ou seja, de que ele faz parte de um jogo estratégico que pressupõe ação e reação, e no qual a dominação encontra resistência, precisando por isso estar sempre se reformulando. (DELEUZE, 1992, p.123) Quando analisamos um discurso precisamos investigar sua "formação discursiva" estando atentos à enunciação e ao enunciado.

2.2. A enunciação e o enunciado

Entendemos a SME como uma enunciação. Trata-se de uma obra única: seus enunciados não irão se repetir da mesma forma em outro texto. É relevante a informação de que a história de Santa Maria Egípcíaca possui várias versões, mas nenhuma obra é igual a esta. Para exemplificar, basta lembrar que na Península Ibérica encontramos duas versões desta história em castelhano, uma do século XIII e outra do século XIV. A primeira, com a qual trabalhamos, foi escrita em verso, sendo

que o eixo de sua narrativa é Maria Egípcíaca. A segunda versão foi escrita em prosa, mas o centro da história é o monge Zózimo.

A enunciação tende a singularizar o discurso, pois não se repete, enquanto que o enunciado, além de ter modalidades particulares de existência, faz o discurso aparecer, tornando-o material, podendo ser repetido. O objeto-referente aqui é a confissão, e é justamente por poder ser repetida, adquirir outras formas, como expressar a idéia sem utilizar propriamente o vocábulo, é que ela é o enunciado. (DELEUZE, 1992, p.122) A repetição do enunciado, por meio das enunciações, vai depender do lugar de onde este é pronunciado, podendo inclusive, em função do contexto, assumir um significado diferente. (BRANDÃO, 2000, p.31) No nosso caso, a enunciação é a própria SME, pois não se repete. A enunciação é a inauguração do discurso, ou seja, a cada vez que ele for pronunciado ou lido silenciosamente estará sendo inaugurado. A SME é uma enunciação da história da vida de Maria Egípcíaca e como tal é única.

O enunciado compõe, dá forma ao discurso, estando sempre, em contato com enunciados que o precederam; podendo ser repetido, transformado ou reativado, porém, é único como qualquer outro acontecimento. (FOUCAULT, 1997, p.28; 90) Assim, o enunciado da confissão na SME pode assumir algumas formas, às vezes aparecendo em uma construção frasal, às vezes aparecendo na forma de uma oração. Como nunca poderemos alcançar o efeito produzido imediatamente pelos enunciados que ela carrega como discurso que é, estaremos apenas trabalhando com os enunciados que a constitui, como eles se formam, como entram em contato com outros, que formas assumem, como se constituem como saber e poder, e como entram no jogo estratégico.

É por isso que a análise da "formação discursiva" deve compreender o enunciado em sua enunciação e no momento no qual o discurso foi elaborado e materializado, pois ele, o enunciado, pode ser composto por um gesto ou por uma fala, mas a partir do momento em que é inscrito em um livro, em um manuscrito ou em uma escultura, ele abre para si mesmo a existência permanente na memória material. O que rege a materialidade de um enunciado é, certamente, a instituição e não somente sua "localização espaço-temporal", até porque o discurso, entendido como composição de enunciados, é diacrônico, na medida em que está sempre presente e em contato com enunciados anteriores e posteriores. (FOUCAULT, 1997, p.135-136; 226)

O enunciado é tudo que é inscrito na superfície, em um local visível. Deve-se, então instituir a análise na superfície, daquilo que está visível, mas só faz sentido, ou melhor, só é possível de enxergar quanto exposto à luz de sua própria constituição, no instante de sua emergência e das "relações de forças" que compõem o "campo de possibilidades" em que ele surge.

2.3. Saber e poder

As "relações de força" compõem-se das ações e relações entre saber e poder. (DELEUZE, 1992, p.115) O saber é composto de formas visíveis e que podem ser enunciadas, enquanto o poder é composto de forças que se interrelacionam. O saber tenta penetrar, entranhar. Já o poder tenta controlar, apropriar, passando ou por baixo ou por entre as formas de saber. São duas instâncias diferentes, mas inseparáveis. Assim, o domínio do saber é formado por regras codificadas, que são relações entre as "formas de saber." O poder, por sua vez, é composto pelas regras coercitivas, que são as relações da força com outras forças, tanto é que é tido como microfísico. (DELEUZE, 1992, p.115) E por agir em relação e com outras forças, o poder incita, induz a produção do saber que permitirá sua permanente renovação. Para Foucault, é por sua capacidade de produção que o poder é aceito, pois além de produzir saber, prazer, também produz discurso. (FOUCAULT, 1993, p.8)

Também é preciso atentar para o fato de que a função do discurso na relação saber/poder ocorre no cotidiano, sendo aí reproduzido, reformulado ou retomado, sem perder sua legitimidade. Como exemplo, poderíamos citar os textos religiosos (incluimos aí as hagiografias), os jurídicos e os científicos. Assim, o discurso é considerado como uma prática vinda da formação de saber ou saberes e que se articula com outras práticas que não são necessariamente discursivas, mas que estão sob a influência deste discurso.

O discurso, segundo Foucault, seria o lugar no qual saber e poder estariam articulados e articulando-se num contínuo. Este lugar de onde se fala deve ser reconhecido institucionalmente, tornando-se verdadeiro e legítimo. O discurso que nasce deste lugar reconhecido veicula saber e permite a geração de poder. A produção deste discurso gerador de poder não é aleatória, pelo contrário, ela é metodicamente controlada, escolhida, formulada, distribuída e redistribuída através de procedimentos estratégicos que assegurem a proeminência deste poder, ainda que para isso seja preciso excluir e interditar.

Saber e poder estão presentes e articulando-se continuamente como prática discursiva sobre, por exemplo, a sexualidade. Na relação estabelecida entre confessor e penitente está formalizada uma relação de saber-poder, pois é a carne, entendida como sexualidade, que é o alvo, é ela que deve ser controlada através do discurso veiculado pelo confessor. E como o discurso não é estático nem polarizado, o saber-poder lança mão de outros objetos/referentes⁴ para alcançar sua finalidade, pois não basta dizer que não é permitido, é preciso justificar porque não é permitido.

O saber não é um conjunto de conhecimentos, pois se fosse haveria a possibilidade de dizer se são verdadeiros ou falsos, coerentes ou não. O saber é formado pelo conjunto de elementos – objetos ou referentes (que são a mesma coisa que enunciado, para Foucault) –, que pertencem a uma

mesma "positividade" no espaço da "formação discursiva", ou seja, são enunciados que podem ser individualizados. Assim, o enunciado acerca da confissão irá compor um saber na medida em que pode ser localizado no período histórico de sua emergência, através de suas transformações e dos discursos com que trava contato e se vincula.

É preciso lembrar que a sociedade não é composta apenas por um tipo único de poder. Nela os poderes se sobrepõem, são ligados por interesses e desejos que permeiam o corpo social e é necessário recordar, sobretudo, que os mecanismos culturais também são expostos às regras coercitivas do poder. (FOUCAULT, 1994, p.183-187) E este está presente em todos os lugares e isso não significa que ele consiga abarcar tudo, mas sim que advém de todos os lados e é produzido a cada instante na relação que estabelece com outros poderes. Dirigindo o enfoque para a sexualidade, observa-se a construção da lei do corpo regado, controlado por seus instintos sexuais, através do mito da "Queda" e do desejo como sendo sexual. Por circular entre as formas de saber, o poder mostra-se muitas vezes como regional, localizado, tendo uma função que é específica do local no qual está atuando, produzindo. É nesse espaço que as técnicas disciplinadoras são empreendidas, seja controlando sua conduta e comportamento, seja dizendo como se conduzir e comportar. Nessas técnicas encontramos a confissão desde o momento em que é instituída como parte da tecnologia eclesiástica de formação e controle dos fiéis. Seria uma tecnologia individualizante do poder que tem por objetivos vigiar, controlar os indivíduos, seus corpos e sua sexualidade. Assim, o sexo torna-se instrumento de disciplinização. Através do argumento de controlar os pecados que estão ligados ao sexo e o próprio sexo, controla-se o indivíduo. Não podemos esquecer que o fiel em questão aqui é, sobretudo, a mulher, que é considerada pelos medievais, notadamente os eclesiásticos, como um ser fraco e dominado pela luxúria. Por isso, controlar a mulher torna-se vital. Porém, a SME também busca controlar os homens, que eram vistos como os responsáveis diretos pelas mulheres.

2.4. Autor e Anônimo

Não podemos esquecer que a questão do controle e dominação da mulher foi transposto para os textos – sejam os cânones ou a SME - por alguém. A forma como estes discursos sobre os sacramentos – sobretudo a confissão - foram apresentados permitiu discussões nas quais tanto um *juglar* quanto um clérigo jovem foram apresentados como possíveis autores. Para Michel Foucault, cada época permite dizer tudo que é possível ser dito, assim como permite ver o que é possível ser visto, ou seja, cada época tem sua própria visão a respeito de um dado assunto ou age de acordo com seu instrumental. Em um dado período histórico as formações lingüísticas que compõem um discurso permitem construções que atualmente muitos ainda querem analisar por baixo, ver o que

está por trás da mensagem, seja ela qual for, que ele apresenta. (FOUCAULT, 2000, p.68-69) Era alcançar a mensagem implícita que o texto trazia, o que tinha sido dito sem sê-lo. Entretanto, Foucault propõe que se observe o texto como um conjunto de elementos, de formações lingüísticas – palavras, construções de narrativa, prosa ou poesia, que muitas vezes aparecem como enunciados – que não faziam parte do esquema pré-estabelecido pelo autor quando escreveu tal texto, mas que aparecem em função do período histórico em que o discurso está localizado, em que emerge. O autor também escreve o que pode ser escrito, e aqui se insere a questão do anônimo.

O anônimo é entendido como ausência de uma marca que identifica o texto, que seria o nome do autor. Entretanto, é preciso lembrar que a importância de um texto estar vinculado a um nome é uma criação do campo literário do século XIX. (RABINOW, 2002, p. 48-49) O nome passa a conferir legitimidade a um texto e a fama de seu autor garante sua aceitação. Mas na Idade Média não era assim. Não havia necessidade – e isso não quer dizer que não havia nomes assinando textos – de um autor para legitimar. Como muitos textos recorriam a obras ou a outros textos antigos, o fato de sua fonte estar no passado já bastava para legitimar, pois fazia parte da tradição. E no período medieval esta tradição referia-se aos textos patrísticos e à Bíblia.

A marca do autor é esvaziada quando se entende que o que é escrito está inserido no "campo das possibilidades estratégicas", compondo uma "formação discursiva". Assim, tanto o autor quanto o anônimo não estariam produzindo nada que não fosse ou estivesse dentro de seu campo de emergência, dentro de um conjunto de discursos. E isso não cai no determinismo na medida em que até mesmo as possíveis táticas, subjetivações ou dobras, estão ligadas ao período em que aparecem, pois cada uma corresponde a um tipo de tentativa de apropriação do poder e de entranhamento de saber. (DELEUZE, 2001, p. 25)

Considerações finais:

Como vimos, uma das obrigações metodológicas fundamentais ao se trabalhar um discurso é recolocá-lo em seu contexto, para que a análise empreendida não seja realizada equivocadamente. Deve-se deixar claro a relação que o discurso estabelece com outros discursos e com a sua conjuntura de realização. E mais: recolocando-o no seu espaço físico e intelectual originário, poder-se-ia ver suas fontes e influências, localizando a tradição da qual buscou seus modelos, tornando-se, então, parte integrante desta mesma linha. Desta forma estaremos individualizando o discurso, posto que ele poderá apresentar um sistema analógico próprio, independente. Entretanto, tal discurso não deve parecer isolado, pois sua construção não foi aleatória, mas sim metodicamente elaborada, e seu fim certamente não foi único, mas múltiplo. Seguindo este ponto de vista, caberia ao historiador rastrear

a coerência contextual e analógica do dito discurso, em sua própria ordem de existência, o que oferece os caminhos para seus significados. Tal é o caso da *Vida de Santa Maria Egípcíaca*.

Em um primeiro momento pode parecer que tal proposta de análise seja maniqueísta e esteja aceitando a influência e o olhar panóptico da Igreja. Mas não é o caso. O que fizemos durante a pesquisa foi rastrear um momento, um período, no qual mais um discurso, expresso em um enunciado e veiculado pela enunciação da SME, procurara ganhar espaço. Era mais uma tentativa entre tantas outras que estavam acontecendo no mesmo momento e que pelo que estamos apresentando, continuaram a ser reelaboradas pela instituição eclesiástica nos séculos seguintes.

Bibliografia:

- BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. São Paulo: Unicamp, 2000.
- DELEUZE, Gilles. **A Dobra – Leibniz e o Barroco**. São Paulo: Papirus, 2001.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. Les Mailles du Pouvoir. In: DEFERT, Daniel et EWALD, François. (Dir.). **Dits et Écrits**. Paris: Gallimard, 1994. T. IV, p. 183-187.
- FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce qu'un Auteur ? In: DEFERT, Daniel et EWALD, François. (Dir.). **Dits et Écrits**. Paris: Gallimard, 1994. T. I.
- FOUCAULT, Michel. Sur l'Archeologie des Sciences. Réponse au Cercle d'Epistémologie. In: DEFERT, Daniel et EWALD, François. (Dir.). **Dits et Écrits**. Paris: Gallimard, 1994. T. I.
- FOUCAULT, Michel. Sur l'Archéologie des Sciences. Réponse au Cercle d'Epistémologie... op. cit., p. 723-725.
- RABINOW, Paul. Sujeito e Governamentalidade: Elementos do Trabalho de Michel Foucault. In:____. **Antropologia da Razão. Ensaios de Paul Rabinow**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

¹ Optamos por denominar o movimento reformista empreendido por Gregório VII de Reforma Gregoriana, conforme o faz Brenda Bolton.

² A partir de agora sempre que nos referirmos a *Vida de Santa Maria Egípcíaca* faremos uso da sigla SME. Este poema é anônimo e atualmente encontra-se guardado na Biblioteca do Mosteiro do Escorial, Espanha, sob o códice k.III.4.

³ O curso de mestrado que fizemos foi realizado no Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ. Defendemos a dissertação, fruto da pesquisa sobre a *Vida de Santa Maria Egípcíaca* e do IV Concílio de Latrão, em Agosto de 2004.

⁴ O objeto/referente que estamos tratando aqui é a confissão.